

HELENA P. BLAVATSKY ‘O QUE É VERDADE?’

[Artigo em *Lúcifer*, Vol. 1, No. 6, fevereiro de 1888, pp. 425-433]

[Em: H.P. Blavatsky, *Collected Writings*, Vol. 9, pp. 30-42]

“*A verdade é a voz da natureza e do tempo —
A verdade é o monitor surpreendente dentro de nós —
Nada existe sem ela, vem das estrelas,
Do sol dourado e de cada brisa que sopra. . . .*”

— W. THOMPSON BACON *

“*. O sol imortal da Verdade Justa
Às vezes se esconde nas nuvens; não que sua luz
Seja em si defeituosa, mas obscurecida
Por meu fraco preconceito, fé imperfeita
E todas as mil causas que obstruem
O crescimento do bem. . . .*”

— HANNAH MORE †

O que é a verdade? "Perguntou Pilatos sobre aquele que, se as afirmações da Igreja Cristã são mesmo aproximadamente corretas, deve ter sabido disso. Mas ele se manteve em silêncio. E a verdade que Ele não divulgou, permaneceu não revelada, para seus seguidores posteriores como tanto quanto para o governador romano. O silêncio de Jesus, entretanto, nesta e em outras ocasiões, não impede seus atuais seguidores de agirem como se tivessem recebido a própria Verdade última e absoluta, e de ignorar o fato de que apenas tais Palavras de A sabedoria havia sido dada a eles como contida em uma parte da verdade, ela mesma oculta em parábolas e obscuros, embora belos ditos. ‡

* [*Thoughts in Solitude.*]

† [*Daniel: A Sacred Drama*, Part II, 98-103.]

‡ Jesus diz aos “Doze” — “A vós é dado o mistério do Reino de Deus; mas aos que estão de fora, todas as coisas são feitas por parábolas”, etc. (*Marcos iv. II.*)

Essa política levou gradualmente ao dogmatismo e à afirmação. Dogmatismo nas igrejas, dogmatismo na ciência, dogmatismo em todos os lugares. As verdades possíveis, vagamente percebidas no mundo da abstração, como aquelas inferidas da observação e experimento no mundo da matéria, são forçadas às multidões profanas, ocupadas demais para pensar por si mesmas, sob a forma da *revelação divina* e da *autoridade científica*. Mas a mesma questão permanece em aberto desde os dias de Sócrates e Pilatos até nossa época de negação por atacado: existe algo como a *verdade absoluta* nas mãos de algum partido ou homem? A razão responde: “não pode haver”. Não há espaço para a verdade absoluta sobre qualquer assunto, seja qual for, em um mundo tão finito e condicionado como o homem é ele mesmo. Mas existem verdades relativas, e temos que tirar o melhor que pudermos delas.

Em todas as épocas, houve Sábios que dominaram o absoluto e, ainda assim, só conseguiram ensinar verdades relativas. Pois nenhum ainda, nascido de mulher mortal em *nossa* raça, tem, ou poderia ter dado, toda e a verdade final a outro homem, pois cada um de nós tem que encontrar esse (para ele) conhecimento final *em si mesmo*. Como duas mentes não podem ser absolutamente iguais, cada uma deve receber a iluminação suprema *por meio* de si mesma, de acordo com sua capacidade, e de nenhuma luz *humana*. O maior adepto vivo pode revelar a Verdade Universal

apenas na medida em que a mente na qual ele está imprimindo pode assimilar, e nada mais. *Tot homines, quot sententiae* — é um truísmo imortal. O sol é um, mas seus raios são incontáveis; e os efeitos produzidos são benéficos ou maléficos, de acordo com a natureza e constituição dos objetos sobre os quais incidem. A polaridade é universal, mas o polarizador está em nossa própria consciência. Na proporção em que nossa consciência é elevada à verdade absoluta, nós, homens, a assimilamos mais ou menos absolutamente. Mas a consciência do homem, novamente, é apenas o girassol da terra. Ansiando pelo raio quente, a planta só pode voltar-se para o sol e girar e girar seguindo o curso da luminária inalcançável: suas raízes a mantêm presa ao solo e metade de sua vida é passada na sombra. . . .

Ainda assim, cada um de nós pode relativamente alcançar o Sol da Verdade, mesmo nesta terra, e assimilar seus raios mais quentes e diretos, por mais diferenciados que possam se tornar após sua longa jornada através das partículas físicas no espaço. Para conseguir isso, existem dois métodos. No plano físico, podemos usar nosso polariscópio mental; e, analisando as propriedades de cada raio, escolha o mais puro. No plano da espiritualidade, para alcançar o Sol da Verdade, devemos trabalhar seriamente para o desenvolvimento de nossa natureza superior. Sabemos que paralisando gradualmente dentro de nós os apetites da personalidade inferior e, assim, amortecendo a voz da mente puramente fisiológica — aquela mente que depende e é inseparável de seu meio ou *veículo*, o cérebro orgânico — o homem animal em nós pode abrir espaço para o espiritual; e, uma vez despertados de seu estado latente, os mais elevados sentidos e percepções espirituais crescem em nós em proporção e se desenvolvem *pari passu* com o “homem divino”. Isso é o que os grandes adeptos, os Iogues do Oriente e os Místicos do Ocidente, sempre fizeram e ainda estão fazendo.

Mas também sabemos que, com algumas exceções, nenhum homem do mundo, nenhum materialista, jamais acreditará na existência de tais adeptos, ou mesmo na possibilidade de tal desenvolvimento espiritual ou psíquico. “O (antigo) tolo disse em seu coração: Deus não existe”; o moderno diz: “Não há adeptos na terra, eles são invenções de sua fantasia doentia.” Sabendo disso, apressamo-nos em tranquilizar nossos leitores sobre o tipo de Thomas Didymus. Pedimos-lhes que abram nesta revista uma leitura mais adequada a eles; dizer aos diversos artigos sobre o Hilo-Idealismo, de vários escritores.*

* Por exemplo, para o artigo “Autocentrismo” — na mesma “filosofia”, ou novamente, para o ápice da pirâmide Hilo-Idealista neste Número. É uma carta de protesto do erudito Fundador da Escola em questão, contra um *erro* nosso. Ele reclama de nosso “acoplamento” de seu nome com os do Sr. Herbert Spencer, Darwin, Huxley e outros, na questão do ateísmo e materialismo, já que as ditas luzes nas ciências psicológicas e físicas são consideradas pelo Dr. Lewins muito oscilantes, muito “comprometedor” e fraco, para merecer o título honroso de ateus ou mesmo agnósticos. Veja “Correspondência” em Coluna Dupla e a resposta de “O Adversário”.

Pois *Lúcifer* tenta satisfazer seus leitores de qualquer “escola de pensamento”, e se mostra igualmente imparcial para teístas e ateus, místicos e agnósticos, cristãos e gentios. Artigos como os nossos editoriais, os Comentários sobre “*Luz no Caminho*”, etc., etc. — não se destinam a Materialistas. Eles são dirigidas aos teosofistas, ou leitores que sabem em seus corações que Mestres da Sabedoria fazer existir: e, embora *absoluta* verdade não está na terra e tem de ser procurado em regiões mais altas, que ainda existem, mesmo neste bobo, nunca nosso pequeno globo girando, algumas coisas com as quais a filosofia ocidental nem sonha.

Para voltar ao nosso assunto. Segue-se, portanto, que, embora “*abstrato* gerala verdade é a mais preciosa de todas as bênçãos” para muitos de nós, como foi para Rousseau, temos, entretanto, de nos contentar com as verdades relativas. Na verdade, somos um pobre conjunto de mortais, na melhor das hipóteses, sempre em pavor antes a face até mesmo de uma verdade relativa, para que

ela não deva nos devorar e aos nossos mesquinhos preconceitos junto conosco. Quanto a uma verdade absoluta, a maioria de nós é tão incapaz de vê-la quanto de chegar à lua de bicicleta. Em primeiro lugar, porque absoluta a verdade é tão imóvel quanto a montanha de Maomé, que se recusou a perturbar-se pelo profeta, de modo que ele mesmo teve que ir até ela. E temos que seguir seu exemplo se quisermos abordá-la mesmo à distância. Em segundo lugar, porque o reino da verdade absoluta não é deste mundo, enquanto nós somos demais dele. E em terceiro lugar, porque apesar de que na fantasia do poeta o homem é

“ o abstrato
De toda perfeição, que a obra
do céu modelou. ”

na realidade, ele é um triste feixe de anomalias e paradoxos, um saco de vento vazio inflado com sua própria importância, com opiniões contraditórias e facilmente influenciadas. Ele é ao mesmo tempo uma criatura arrogante e fraca que, embora em constante temor de alguma autoridade, terrestre ou celestial, ainda -

“ como um macaco zangado,
Jogue esses truques fantásticos diante do alto céu, que
faça os anjos chorarem. ” **

** [Shakespeare, *Measure for Measure*, Act 2, scene 2.]

Agora, uma vez que a verdade é uma joia multifacetada, cujas facetas é impossível perceber todas de uma vez; e uma vez que, novamente, nenhum homem, por mais ansioso que seja para discernir a verdade, pode ver sequer uma dessas facetas iguais, o que pode ser feito para ajudá-los a percebê-la? Como o homem físico, limitado e atrapalhado por todos os lados pelas ilusões, não pode alcançar a verdade pela luz de suas percepções terrestres, dizemos - desenvolva em você o conhecimento *interior*. Desde o momento em que o oráculo de Delfos disse ao inquiridor “Homem, conhece-te a ti mesmo”, nenhuma verdade maior ou mais importante foi ensinada. Sem essa percepção, o homem permanecerá cego até para muitas verdades relativas, quanto mais para a verdade absoluta. O homem tem que *se conhecer*, ou seja, adquirir o *interior* percepções que nunca enganam, antes que ele possa dominar qualquer verdade absoluta. A verdade absoluta é o *símbolo da Eternidade*, e nenhuma mente *finita* pode compreender o eterno; portanto, nenhuma verdade em sua plenitude pode surgir sobre ela. Para alcançar o estado durante o qual o homem o vê e sente, temos que paralisar os sentidos do homem externo de barro. Esta é uma tarefa difícil, podemos dizer, e a maioria das pessoas, nesse ritmo, preferirá permanecer satisfeita com verdades relativas, sem dúvida. Mas abordar até mesmo verdades terrestres requer, em primeiro lugar, *amor à verdade por si mesma*, pois de outra forma nenhum reconhecimento dele se seguirá. E quem ama a verdade nesta era por si mesma? Quantos de nós estamos preparados para buscar, aceitar e levar a cabo isso, em meio a uma sociedade em que qualquer coisa que tenha sucesso *tem que ser construída sobre as aparências, não sobre a realidade, sobre a auto-afirmação, não sobre o valor intrínseco*? Temos plena consciência das dificuldades para receber a verdade. A bela donzela celestial desce apenas em um (para ela) solo agradável — o solo de uma mente imparcial, sem preconceitos, iluminada pela pura Consciência Espiritual; e ambos são habitantes verdadeiramente raros em terras civilizadas. Em nosso século de vapor e eletricidade, quando o homem vive a uma velocidade enlouquecedora que mal lhe dá tempo para reflexão, ele geralmente se deixa ser levado do berço ao túmulo, pregado no leito de Procusto do costume e do convencional. Ora, a convencionalidade — pura e simples — é uma MENTIRA congênita, pois é em todos os casos uma “*simulação* de

sentimentos de acordo com um padrão recebido" (definição de FW Robertson); e onde há simulação, *não pode haver verdade*. Quão profunda é a observação feita por Byron, de que "a verdade é uma joia encontrada em grande profundidade; enquanto na superfície deste mundo todas as coisas são pesadas *pelas falsas balanças do costume*", é mais conhecido por aqueles que são forçados a viverem na atmosfera sufocante de tal convencionalismo social e que, mesmo quando estão dispostos e ansiosos por aprender, não ousam aceitar as verdades que desejam, por medo do feroz Moloch chamado Sociedade.

Olhe ao seu redor, leitor; estudar os relatos feitos por viajantes mundialmente conhecidos, relembrar as observações conjuntas de pensadores literários, os dados da ciência e das estatísticas. Faça um desenho da sociedade moderna, da política moderna, da religião moderna e da vida moderna em geral diante dos olhos de sua mente. Lembre-se dos modos e costumes de cada raça e nação culta sob o sol. Observe os feitos e a atitude moral das pessoas nos centros civilizados da Europa, América e até mesmo do Extremo Oriente e das colônias, em todos os lugares onde o homem branco carregou os "benefícios" da chamada civilização. E agora, tendo passado em revista tudo isso, pare e reflita, e então nomeie, *se puder*, aquele bendito *Eldorado*, aquele local excepcional do globo, *onde VERDADE é o convidado de honra, e MENTIRA e SHAM são os proscritos condenados ao ostracismo? VOCÊ NÃO PODE*. Nem pode qualquer outra pessoa, a menos que esteja preparado e determinado a adicionar sua partícula à massa de falsidade que reina suprema em todos os departamentos da vida nacional e social. "Verdade!" gritou Carlyle, "verdade, embora os céus me esmaguem por segui-la, nenhuma falsidade, embora toda uma Lubberlândia celestial fosse o prêmio da apostasia." Palavras nobres, essas. Mas quantos pensam, e quantos *se atreverão* a falar como Carlyle fez, em nossos dias do século XIX? Não prefere a gigantesca maioria apavorante a um homem o "paraíso dos que nada fazem", o *pays de Cogne* de egoísmo sem coração? É esta maioria que recua aterrorizada diante do esboço mais sombrio de cada verdade nova e impopular, por mero medo covarde, para que a Sra. Harris denuncie, e a Sra. Grundy condene, seus convertidos à tortura de serem alugados aos pedaços por sua língua assassina.

EGOÍSMO, o primogênito da Ignorância, e o fruto do ensino que afirma que para cada criança recém-nascida uma nova alma, *separada e distinta* da Alma Universal, é "criada"— este Egoísmo é a parede intransponível entre as *Eu pessoal* e verdade. É a mãe prolífica de todos os vícios humanos, a *mentira* nascendo da necessidade de dissimular e a *hipocrisia* do desejo de mascarar a *mentira*. É o fungo que cresce e se fortalece com a idade em cada coração humano, no qual devorou todos os melhores sentimentos. O egoísmo mata todo impulso nobre em nossas naturezas, e é a única divindade, não temendo nenhuma infidelidade ou deserção de seus devotos. Por isso, o vemos reinar supremo no mundo e na chamada sociedade da moda. Como resultado, vivemos, nos movemos e temos nosso ser neste deus das trevas sob seu aspecto trinitário de Sham, Farsa e Falsidade, chamado RESPEITABILIDADE.

Isso é verdade e fato, ou é uma calúnia? Vire para onde quiser e você descobrirá, do topo à base da escada social, o engano e a hipocrisia em ação pelo bem do seu Eu, em cada nação como em cada indivíduo. Mas as nações, por acordo tácito, decidiram que os motivos egoístas na política serão chamados de "nobre aspiração nacional, patriotismo" etc.; e o cidadão vê isso em seu círculo familiar como uma "virtude doméstica". No entanto, o egoísmo, quer gere desejo de engrandecimento do território, quer a competição no comércio às custas do próximo, nunca pode ser considerado uma virtude. Vemos o DECEIT e a FORÇA BRUTA de língua suave – o *Jachin* e o *Boaz* de cada Templo Internacional de Salomão – chamado Diplomacia, e nós o chamamos pelo seu nome correto. Porque o diplomata se curva diante desses dois pilares da glória e da política nacional, e coloca seu simbolismo maçônico "na (astúcia) força esta minha casa será estabelecida"

na prática diária; isto é, consegue por engano o que não pode obter pela força — devemos aplaudir-lo? A qualificação de um diplomata — “destreza ou habilidade em obter vantagens” — para seu próprio país às custas de outros países, dificilmente pode ser alcançada falando a *verdade*, mas na verdade por uma língua astuta e enganosa; e, portanto, *Lúcifer* chama tal ação — uma *vida* e uma MENTIRA evidente.

Mas não é só na política que o costume e o egoísmo concordaram em chamar o engano e a mentira de virtude, e recompensar aquele que mentir melhor com estátuas públicas. Cada classe da sociedade vive na MENTIRA e cairia em pedaços sem ela. Aristocracia culta, temente a Deus e à lei, apreciando tanto o fruto proibido como qualquer plebeu, é forçada a mentir da manhã ao meio-dia para cobrir o que se agrada de denominar seus "pequenos pecadilhos", mas que a VERDADE considera como imoralidade grosseira. A sociedade da classe média está repleta de sorrisos falsos, conversas falsas e traição mútua. Para a maioria, a religião tornou-se um fino véu de ouropel lançado sobre o cadáver da fé espiritual. O mestre vai à igreja para enganar seus servos; o padre faminto — pregando aquilo em que ele deixou de acreditar — engana seu bispo; o bispo — seu Deus. *Diários*, políticos e sociais, podem adotar como lema a indagação imortal de Georges Dandin — “Lequel de nous deux trompe-t-on ici?” — Até a Ciência, outrora a âncora da salvação da Verdade, deixou de ser o templo do Fato *nu*. Quase como um homem, os Cientistas se esforçam agora apenas para impor aos seus colegas e ao público a aceitação de algum hobby pessoal, de alguma teoria inovadora, que dará brilho a seu nome e fama. Um cientista está tão pronto para suprimir evidências prejudiciais contra uma hipótese científica atual em nossos tempos, quanto um missionário em uma terra pagã, ou um pregador em casa, para persuadir sua congregação de que a geologia moderna é uma mentira, e a evolução, apenas vaidade e aborrecimento de espírito.

Esse é o estado real das coisas em 1888 DC, e ainda assim somos questionados por certos jornais por ver este ano em mais do que cores sombrias!

A mentira se espalhou a tal ponto — apoiada como é pelos costumes e convencionalidades — que até a cronologia obriga as pessoas a mentir. Os sufixos AD e AC usados após as datas do ano por judeus e pagãos, em terras europeias e até asiáticas, tanto pelos materialistas e agnósticos quanto pelos cristãos, em casa, são — uma *mentira* usada para sancionar outra MENTIRA.

Onde então a verdade relativa pode ser encontrada? Se, já no século de Demócrito, ela lhe apareceu sob a forma de uma deusa deitada no fundo de um poço, tão fundo que dava poucas esperanças de sua libertação; nas presentes circunstâncias, temos o direito de acreditar que ela está escondida, pelo menos, tão distante quanto a *escuridão* sempre invisível da lua. É por isso que, talvez, todos os devotos de verdades ocultas sejam imediatamente declarados lunáticos. Seja como for, em nenhum caso e sob nenhuma ameaça *Lúcifer* será jamais forçado a ceder a qualquer mentira universal e tacitamente reconhecida, e como universalmente praticada, mas manterá o fato, puro e simples, tentando proclamar a verdade sempre que encontrada, e sob nenhuma máscara covarde. O preconceito e a intolerância podem ser considerados uma política ortodoxa e sólida, e o incentivo a preconceitos sociais e passatempos pessoais à custa da verdade, como um caminho sábio a seguir a fim de garantir o sucesso de uma publicação. Que assim seja. Os Editores de *Lúcifer* são Teosofistas, e seu lema é escolhido: *Vera pro gratiis*.

Eles estão bem cientes de que as libações e os sacrifícios de *Lúcifer* à deusa Verdade não enviam uma fumaça doce e saborosa aos narizes dos senhores da imprensa, nem o brilhante “Filho da Manhã” cheira doce em suas narinas. Ele é ignorado quando não é abusado como — *veritas odium paret*. Até mesmo seus amigos estão começando a achar defeitos nele. Eles não podem ver *por que ela não deveria ser uma revista puramente teosófica*, em outras palavras, por que ela se recusa a ser dogmática e fanática. Em vez de dedicar cada centímetro de espaço aos ensinamentos teosóficos e

ocultos, ele abre suas páginas “para a publicação dos elementos mais grotescamente heterogêneos e doutrinas conflitantes”. Esta é a principal acusação, à qual respondemos — por que não? Teosofia é conhecimento divino e conhecimento é verdade; fato *verdadeiro*, toda palavra sincera é, portanto, parte integrante da Teosofia. Aquele que é hábil na alquimia divina, ou mesmo aproximadamente abençoado com o dom da percepção da verdade, irá encontrá-la e extraí-la de uma declaração errada tanto quanto de uma declaração correta. Por menor que seja a partícula de ouro perdida em uma tonelada de lixo, ainda é o metal nobre, e digno de ser desenterrado, mesmo ao preço de alguns problemas extras. Como já foi dito, freqüentemente é tão útil saber o que uma coisa *não é*, quanto aprender o que *é*. O leitor médio dificilmente pode esperar encontrar algum fato em uma publicação sectária sob todos os seus aspectos, *prós e contras*, de uma forma ou de outra, sua apresentação certamente será tendenciosa, e as escalas ajudaram a inclinar-se para aquele lado para o qual a política especial de seu editor é dirigida. Uma revista teosófica é, portanto, talvez, a única publicação onde se pode esperar encontrar, de qualquer forma, o imparcial, ainda que apenas aproximado da verdade e dos fatos. A verdade nua é refletida em *Lúcifer* sob seus muitos aspectos, pois nenhuma visão filosófica ou religiosa é excluída de suas páginas. E, como toda filosofia e religião, por mais incompleta, insatisfatória e mesmo tola que algumas possam ser ocasionalmente, deve ser baseada em uma verdade e fato de algum tipo, o leitor tem, portanto, a oportunidade de comparar, analisar e escolher entre as várias filosofias discutido nele. *Lúcifer* oferece tantas facetas da joia universal. Uma quanto seu espaço limitado permitir, *costume e falsidade social*, ou novamente, o Senhor do (o mais elevado) Eu — o destruidor brilhante do poder sombrio da ilusão? Certamente é essa filosofia que tende a diminuir, em vez de aumentar, a soma da miséria humana, Qual é o melhor.

Em todo o caso, a escolha está aí, e para isso apenas abrimos as nossas páginas a todo o tipo de colaboradores. Portanto, você encontra neles os pontos de vista de um clérigo cristão que acredita em seu Deus e em Cristo, mas rejeita as interpretações perversas e os dogmas impostos por sua ambiciosa e orgulhosa Igreja, junto com as doutrinas do Hilo-Idealista, que nega Deus, alma, e imortalidade, e não acredita em nada exceto a si mesmo. Os materialistas mais graduados encontrarão hospitalidade em nosso jornal; sim, mesmo aqueles que não têm escrúpulos em preencher páginas dele com zombarias e comentários pessoais sobre nós mesmos, e abuso das doutrinas da Teosofia, tão queridas para nós. Quando um jornal de *pensamento livre*, conduzido por um ateu, insere um artigo de um místico ou teosofista em louvor de suas visões ocultistas e do mistério de Parabrahman, e transmite apenas algumas observações casuais, então devemos dizer que *Lúcifer* encontrou um rival. Quando um periódico cristão ou órgão missionário aceita um artigo da pena de um livre-pensador que zomba da crença em Adão e sua costela, e faz críticas ao Cristianismo – a fé de seu editor – em humilde silêncio, então ele se tornará digno de *Lúcifer*, e pode-se dizer que verdadeiramente atingiu aquele grau de tolerância quando pode ser colocado no mesmo nível de qualquer publicação teosófica.

Mas, enquanto nenhum desses órgãos fizer algo desse tipo, todos eles são sectários, fanáticos, intolerantes e nunca podem ter uma ideia da verdade e da justiça. Eles podem lançar insinuações contra *Lúcifer* e seus editores, mas também não podem afetar. De fato, os editores dessa revista se orgulham de tais críticas e acusações, pois são testemunhas da absoluta ausência de preconceito, ou arrogância de qualquer espécie na teosofia, fruto da beleza divina das doutrinas que prega. Pois, como disse, a Teosofia permite uma audiência e uma chance justa para todos. Não considera nenhuma opinião – se sincera – inteiramente destituída de verdade. Respeita os homens pensantes, a qualquer classe de pensamento a que pertençam. Sempre pronto para se opor a ideias e pontos de vista que só podem criar confusão sem beneficiar a filosofia, faz com que seus expositores acreditem pessoalmente no que quiserem e faz justiça às suas ideias quando são boas. Na verdade,

as conclusões ou deduções de um escritor filosófico podem ser inteiramente opostas aos nossos pontos de vista e aos ensinamentos que expomos; no entanto, suas premissas e declarações de fatos podem ser bastante corretas, e outras pessoas podem lucrar com a filosofia adversa, mesmo que nós mesmos a rejeitemos, acreditando que temos algo mais elevado e ainda mais próximo da verdade. Em todo caso, nossa profissão de fé está agora esclarecida, e tudo o que é dito nas páginas anteriores justifica e explica nossa política editorial. no entanto, suas premissas e declarações de fatos podem ser bastante corretas, e outras pessoas podem lucrar com a filosofia adversa, mesmo que nós mesmos a rejeitemos, acreditando que temos algo mais elevado e ainda mais próximo da verdade. Em todo caso, nossa profissão de fé está agora esclarecida, e tudo o que é dito nas páginas anteriores justifica e explica nossa política editorial.

Para resumir a ideia, no que diz respeito à verdade absoluta e relativa, só podemos repetir o que dissemos antes. *Fora de um certo estado de espírito altamente espiritual e elevado, durante o qual o Homem está em harmonia com a MENTE UNIVERSAL — ele nada pode obter na terra a não ser a verdade relativa, ou verdades, de qualquer filosofia ou religião.* Se até mesmo a deusa que mora no fundo do poço sáisse de seu local de confinamento, ela não poderia dar ao homem mais do que ele pode assimilar. Enquanto isso, todos podem sentar-se perto desse poço – cujo nome é CONHECIMENTO – e olhar em suas profundezas na esperança de ver a bela imagem de Verdade refletida, pelo menos, nas águas escuras. Isso, no entanto, como observou Richter, apresenta um certo perigo. Certamente, alguma verdade pode ser ocasionalmente refletida como um espelho no local que contemplamos, e assim recompensar o aluno paciente. Mas, acrescenta o pensador alemão, “ouvi dizer que alguns filósofos, ao buscar a Verdade, para homenageá-la, viram sua própria imagem na água e a adoraram”.

É para evitar tal calamidade – que se abateu sobre todos os fundadores de uma escola religiosa ou filosófica – que os editores são cuidadosamente cuidadosos para não oferecer ao leitor apenas as verdades que eles encontram refletidas em seus próprios cérebros pessoais. Eles oferecem ao público uma ampla escolha e se recusam a mostrar fanatismo e intolerância, que são os principais marcos no caminho do sectarismo. Mas, deixando a margem mais ampla possível para comparação, nossos oponentes não podem esperar encontrar *seus rostos* refletidos nas águas límpidas de nosso *Lúcifer*, sem comentários ou apenas críticas às suas características mais proeminentes, se em contraste com as visões teosóficas.

Isso, no entanto, apenas na capa da revista pública, e até agora no que diz respeito ao aspecto meramente intelectual das verdades filosóficas. No que diz respeito às crenças espirituais mais profundas, e pode-se quase dizer religiosas, nenhum verdadeiro teosofista deveria degradá-las submetendo-as à discussão pública, mas antes entesourá-las e escondê-las no santuário mais íntimo de sua alma. Tais crenças e doutrinas nunca devem ser divulgadas precipitadamente, pois correm o risco de profanação inevitável pelo tratamento rude do indiferente e do crítico. Nem devem ser incorporados em qualquer publicação, exceto como hipóteses oferecidas à consideração da parte pensante do público. As verdades teosóficas, quando transcendem um certo limite da especulação, devem permanecer ocultas da vista do público, pela “evidência das coisas não vistas” não há evidência, exceto para aquele que a vê, ouve e sente. Não deve ser arrastado para fora do “Santo dos Santos”, o templo do divino impessoal *Ego*, ou o EU interior. Pois, enquanto cada fato fora de *sua* percepção pode, como mostramos, ser, na melhor das hipóteses, apenas uma verdade

relativa, um raio da verdade absoluta pode se refletir apenas no espelho puro de sua própria chama — nossa mais elevada CONSCIÊNCIA ESPIRITUAL. E como pode a escuridão (da ilusão) compreender a LUZ que brilha nela?
